

FOLHA DE SP PAULO ***

mundo

EUA matam líder de grupo pró-Teerã que alvejou bases militares no Iraque

Ação em meio a semana de atentados gera temor de que a guerra se espalhe no Oriente Médio

GUERRA ISRAEL-HAMAS

Igor Ciclew

SÃO PAULO Após Israel matar um líder do Hamas no Líbano e o Irã sofrer um atentado que deixou ao menos 84 mortos, mais uma ação violenta elevou a tensão no Oriente Médio, em chamas desde que o grupo terrorista palestino atacou o Estado judeu e disparou uma intensa guerra retaliatória na Faixa de Gaza.

Nesta quinta (4), os Estados Unidos promoveram um ataque com drone para matar em Bagdá o chefe de um grupo pró-Irã baseado no Iraque. O Pentágono o identificou como Mushtaq Jawad Kazim al-Jawari (desse ter matado outro membro do Harakat Hezbollah al-Nujaba, organização apoiada por Teerã considerada responsável por vários ataques contra bases e postos militares americanos no Iraque desde o início da guerra Israel-Hamas, em 7 de outubro.

Antes, os milícias iranianas e raedense haviam citado a vítima principal como Mushtaq Taleh al-Saidi, conhecido como Abu Taqwa. O principal alvo desse e de outros grupos é a base iraquiana de Al al-

head, no centro-norte do Iraque, de onde os EUA lançam ataques com drones em toda a região—inclusive, provavelmente, o que matou o líder.

O governo do Iraque protestou contra a ação, considerando-a uma violação de sua soberania.

“A morte de Saleh al-Arouri em Beirute, na terça (3), não chegou a ser admitida por Israel—embora não seja segredo para ninguém, dados os comentários posteriores das Forças de Defesa do país, de que nenhum líder do Hamas está seguro na região.

“O atentado brutal contra uma cerimônia que comemorava os quatro anos do assassinato do principal general iraquiano, Qasim Soleimani, foi reivindicado nesta quinta pelo grupo terrorista Estado Islâmico, que já atacou o regime de Teerã antes. Foi a mais mortífera ação contra o país desde a revolução que instaurou a teocracia em 1979.

Soleimani havia sido morto também em Bagdá pelos EUA em 2020, em um ataque com drone ordenado pelo então presidente Donald Trump. Soleimani era o cérebro por trás da estratégia de Teerã de confrontar interesses ameri-

canos e israelenses no Oriente Médio por meio do apoio a grupos terroristas e organizações paramilitares. Na conta entram tanto xiitas—aderentes do mesmo ramo minoritário do Islã que tem no Irã seu centro, como o Hezbollah libanês—e sunitas, do grupo majoritário, como o Hamas.

As ações americanas e israelenses na região, com a execução óbvia de guerras abert-

tas, costumam ser pontuadas—ataques com drones, por exemplo. Ainda assim, a animosidade que a matança gerou fez crescer a agressividade de retórica na região.

A Guarda Republicana, elite militar do país da qual Soleimani era comandante da principal força, repetiu nesta quinta as palavras do presidente Ebrahim Raisi e do líder supremo Ali Khamenei de

vingança, mas sem citar avios. Desnecessário dizer que o ataque americano em Bagdá irá alimentar ainda mais o ciclo de tensão e suspeitas no Oriente Médio. O país árabe tem uma posição única: após a guerra de 2003 e a presença continuada dos EUA, hoje tem resquícios americanos importantes, mas está alinhado ao vizinho Irã.

Ambedos países têm maioria xiita (96%-95% no Irã, 65%-70% no Iraque) e travaram uma sangrenta guerra nos anos 1980, quando Bagdá era comandada pela minoria sunita liderada por Saddam Hussein—executado em 2006. Hoje, estão bastante próximos.

Ainda assim, há um minúsculo exército de bases iraquianas usadas por forças americanas para treinamento de soldados locais e ataques a posições remanescentes do Estado Islâmico na região. Na prática, em um arranjo insidioso, elas são usadas para outros fins também. Há cerca de 2.500 soldados americanos no país, além de outros 900 em postos na Síria, também objeto de ataques de forças pró-Irã.

Ali, a situação é ainda mais complexa, dada a guerra civil em curso e a presença de

potências como Rússia, Turquia e Irã em campo. Israel tem bombardeado com frequência o país, com quem está tecnicamente em guerra—em 2010, anexou os árabes as colinas de Góla.

Desde o começo do confronto de Israel com o Hamas, o governo de Joe Biden incrementou suas forças na região, enviando sensores, sistemas anti-aéreas e dois grupos de porta-aviões para garantir seu apoio a Tel Aviv. Por ora, isso dissuadiu Teerã de entrar diretamente na guerra.

Entre seus prepostos, o Hezbollah também mantém um ritmo baixo de engajamento, com trocas de fogo diárias com Israel—nesta quinta, um comandante do grupo no sul do Líbano (46%-26% de xiitas) estava entre os cinco mortos em um ataque. Mas nada de guerra aberta, como ocorreu pela última vez em 2006.

Já os houthis do Iêmen, xiitas como cerca de 45% da população e apoiados por Teerã na guerra civil que consome o país desde 2014, têm tido mais eficácia em termos de impacto: seus ataques a navios no mar Vermelho, quase diários, obrigaram empresas de transporte a mudar rotas, encarecendo custos e levando os EUA a formar uma força-tarefa naval para tentar cobrir as águas.

Também nesta quinta, os EUA e aliados divulgaram um ultimato aos houthis, determinando o fim das ações hostis sob pena de consequências mais duras. O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, embarcou para uma viagem a Israel e países da região para discutir a crise no geral.

Assassinatos elevam tensão em várias frentes

Iraque Nesta quinta (4), os Estados Unidos promoveram um ataque com drone para matar em Bagdá Mushtaq Jawad Kazim al-Jawari, chefe do grupo terrorista Estado Islâmico, que já atacou o regime de Teerã antes. Foi a mais mortífera ação contra o país desde a revolução que instaurou a teocracia em 1979.

Soleimani havia sido morto também em Bagdá pelos EUA em 2020, em um ataque com drone ordenado pelo então presidente Donald Trump. Soleimani era o cérebro por trás da estratégia de Teerã de confrontar interesses ameri-

Líbano Na terça (2), um ataque com drone atribuído a Israel matou o vice-líder do grupo terrorista palestino Hamas, Saleh al-Arouri, em Beirute.

Iêmen No domingo (3), ataques dos EUA mataram ao menos dez rebeldes houthis do Iêmen, apoiados pelo Irã, em barcos no mar Vermelho.

Síria Em 25 de dezembro, um bombardeio atribuído a Israel em Damasco matou Raed Mossavi, oficial da Guarda Revolucionária do Irã.

Irã Na quarta (3), um ataque terrorista matou 84 pessoas durante cerimônia em homenagem ao general Qasim Soleimani em Kerman, no Irã. A facção Estado Islâmico reivindicou a autoria do atentado.

Dinheiro para Ucrânia acabou, diz Casa Branca

GUERRA DA UCRÂNIA

SÃO PAULO O dinheiro que os EUA separaram para apoiar a Ucrânia na guerra contra a Rússia acabou em 27 de dezembro, e não há previsão de novos aportes, a não ser que o Congresso americano apoie um novo pacote de ajuda militar proposto desde o ano passado pelo governo Joe Biden.

A afirmação, que vinha sendo cantada desde o início de dezembro pela Casa Branca, foi feita na quarta (3) pelo porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, John Kirby. “Nós temos agora a Ucrânia o último pacote de assistência de segurança. Agora precisamos ter apoio no Congresso para continuar a fazer-lo”, disse.

Ainda há US\$ 4,4 bilhões (R\$ 21,6 bilhões) à disposição de Biden para livre manejo, mas Kirby sinalizou que não há chance de isso acontecer sem apoio para lamentar ao pacote de segurança de R\$ 520 bilhões, R\$ 300 bilhões deles para a Ucrânia, apresentado pelo governo no fim do ano e rejeitado no Congresso.

No mês passado, o porta-voz do Pentágono, general Pat Ryder, havia dado razões além da briga política para a dificuldade em apoiar os ucranianos.

“Certamente nós retemos a opção de gastar todos os fundos [os US\$ 4,4 bilhões], mas essa são escolhas difíceis porque, no fim do dia, nós teremos de tomar decisões acerca de nosso próprio preparo e nossa habilidade de continuar apoiando a Ucrânia”, afirmou.

A situação é de impasse. Os republicanos estão de olho na corrida eleitoral e dizem que o pacote de segurança de Biden não dá atenção para a crise com os refugiados latinos na fronteira mexicana. Por outro lado, como parte do dilema do Irã para apoiar a Rússia, não é improvável que a oposição faça gestos a politicamente vital comunidade judaica americana. IG



ISRAEL INTENSIFICA OFENSIVA EM KHAN YUNIS, NO SUL DA FAIXA DE GAZA

Crianças choram ao lado de corpos de integrantes das famílias Salahi e Abu Hatab, mortos em bombardeio de Tel Aviv contra tendas onde buscavam abrigo

El reivindica autoria de ataque que matou 84 no Irã

BOUA | REUTERS O Estado Islâmico (EI) reivindicou nesta quinta-feira (4) a autoria das explosões que mataram 84 pessoas e feriram mais de 280, incluindo mulheres e crianças, em uma cerimônia ocorrida na véspera no Irã.

Em comunicado divulgado no aplicativo de mensagens Telegram, o grupo terrorista disse que dois de seus membros detonaram cinco bombas em meio à multidão que se reunia no cemitério da cidade de Kerman, no sudoeste do país, numa cerimônia para homenagear o general iraquiano Qasim Soleimani, morto por um ataque com drone

dos Estados Unidos em 2020. Teerã prometeu vingança após os atentados terroristas desde a Revolução Islâmica de 1979. “Uma retaliação muito forte será aplicada pelas mãos dos soldados de Soleimani”, disse o primeiro vice-presidente do grupo, Ezzat Mokheiber. Já o Conselho de Segurança das Nações Unidas condenou o que chamou de “ataque terrorista covarde” e enviou suas condolências aos familiares das vítimas.

O EI não divulgou as motivações para o atentado nem provas de envolvimento regional, com o grupo, formado por extre-

mistas sunitas que se opõem ao regime xiita do Irã.

A facção emergiu do caos da guerra civil na Síria na última década e assumiu vastas áreas do país e do Iraque em 2014. O grupo, que matou milhares de pessoas em nome de sua interpretação radical do Islã, foi derrotado em 2017 por forças internacionais. Nos últimos anos, os militantes remanescentes se tornaram escondidos, mas ainda são capazes de realizar ataques.

O atentado nesta quarta aumentou ainda mais a tensão no Oriente Médio e o risco de um bombardeio regional da guerra entre Israel e seus ad-

versários, ora focada no embate entre Tel Aviv e o grupo terrorista palestino Hamas na Faixa de Gaza. Os caixões de televisões estatais iranianos mostraram multidões reunidas em dezenas de cidades, incluindo Kerman, gritando: “Morte a Israel” e “Morte à América”.

As autoridades iranianas convocaram protestos para esta sexta (5), quando serão realizados os enterros das vítimas das explosões, de acordo com a imprensa estatal.

O presidente do Irã, Ebrahim Raisi, disse que as explosões foram “crimes desumanos”. A autoridade máxima do Irã, o aiatolá Ali Khamenei, reiterou a promessa de vingança.

Os EUA haviam negado ainda na quarta (3) qualquer participação no caso e disseram que também não tinham motivos para acreditar que Israel estivesse envolvido.

Teerã acusa com frequência seus aqui-inimigos, Israel e EUA, de apoiar grupos militantes anti-Irã que realizaram ataques contra a República Islâmica no passado. Inicialmente, a contagem oficial era de 73 mortos em Kerman, depois passou a 121, mas foi refeita. Nesta quinta-feira, Teerã divulgou um novo balanço confirmando a morte de 84 pessoas.